



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PROCESSO DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS, AGLUTINAÇÃO E ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA: UMA PERSPECTIVA ENUNCIATIVA

Fabiola Nóbrega

Ronilson Ferreira dos Santos

Universidade Federal da Paraíba (UFPB)

fabiolanobrega27@gmail.com

fsantosronilson@gmail.com

Resumo:

A aglutinação, processo de formação de palavras, está sendo definida através dos campos fonológicos e morfológicos. Na nossa concepção, observá-la estritamente por esses prismas resume sua potencialidade constitutiva, assim como não abrange algumas de suas nuances, visto que são marginalizados os fatos discursivos, próprios da língua. Considerando as sugestões de mudança advindas com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) no concernente ao ensino do português, o artigo aqui proposto teve como objetivo geral mostrar outro olhar, segundo a teoria bakhtiniana, sobre a aglutinação, associando-a ao campo sintático da Língua Portuguesa. Para tanto, foram analisados cem artigos jornalísticos, pesquisados nos CDs ROM Folha Edição (99 e 2000) e em construções auxiliares (enunciados diversos). Com base nessa análise, constatou-se que a aglutinação sintático-semântico-discursiva é um processo de origem enunciativa delineado socialmente, configurando-se a partir do diálogo entre interlocutores. Esse fenômeno se realiza através de um lugar, que pode ser preenchido no plano da organicidade (sintaxe) ou simplesmente ocultado (efeito de sentido), entretanto, perceptível no plano do enunciável, possibilitando a construção de um saber de entremeio. Saber esse que se pauta na relação entre o linguístico e o discursivo, assim como assinalou Dias (2010). Com isso, foi apresentada às definições de aglutinação, existentes nas gramáticas, que permeiam nossos circuitos de aprendizagem, uma alternativa teórica discursiva, ampliando o horizonte conceitual desse instigante fenômeno.

PALAVRAS-CHAVE: Aglutinação. Sintaxe da Enunciação. Ensino de Língua Portuguesa.



1 INTRODUÇÃO

Envoltos pelos meandros movediços das definições no tocante à aglutinação, processo de formação de palavras, verifica-se que esta vem sendo aludida a partir dos campos fonológico e morfológico. No entanto, a nosso ver, abordá-la estritamente por esses vieses resume sua potencialidade e suas nuances, uma vez que são postos à margem os aspectos discursivos, característicos da língua.

À luz do exposto, o artigo em evidência, considerando as sugestões de mudança advindas com o surgimento dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) sobre o ensino do português, teve como objetivo geral mostrar outro olhar, segundo a teoria bakhtiniana, sobre a aglutinação, processo de formação de palavras, associando-a ao campo sintático da Língua Portuguesa.. Com isso, acredita-se ter sido materializado um suporte teórico adequado às postulações tecidas nos PCN em relação ao ensino gramatical.

Como eixo norteador desse artigo, foram desenvolvidos os seguintes objetivos específicos: analisar, no adjunto adverbial, a ocorrência da aglutinação sintático-semântico-discursiva em artigos jornalísticos, publicados nos CDs-ROM Folha-Edição (99 e 2000), no sentido de fundamentar os eixos teóricos desse processo; compreender o que possibilita, nos artigos citados, a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva; verificar o que proporciona, na língua, o efeito de sentido produzido a partir da aglutinação sintático-semântico-discursiva; associar o conceito de aglutinação sintático-semântico-discursiva às premissas sugeridas pelos PCN para o Ensino de Língua Portuguesa, em específico à gramática.

Assim, o fenômeno analisado não foi aludido como estrutura dissociada dos aspectos semânticos e discursivos, presentes no jogo interativo da língua, já que a enunciação, segundo os apontamentos bakhtinianos, resulta da interação de dois indivíduos, organizados socialmente.

Pelo exposto, não é incabível pontuar que a pesquisa aqui apresentada é de caráter qualitativo, uma vez que percorreu sobre a aglutinação sintático-semântico-discursiva em artigos jornalísticos, redefinindo esse processo. Para tanto, lançou-se mão da perspectiva teórico-analítica, no propósito de aplicar a teoria bakhtiniana a um *corpus* real: textos jornalísticos.

A necessidade de se desenvolver um trabalho dessa estirpe partiu de indagações, baseadas na leitura do livro “Marxismo e filosofia da linguagem”, de Bakhtin (1981) e da tese intitulada “Uma abordagem semântico-discursiva de estruturas nominais em – mente”, de Ribeiro (2003),



acerca do campo limítrofe entre o linguístico e o discurso. Campo este que fez lançar à aglutinação um olhar reflexivo. Isto gerou um inquietamento, instigando as seguintes indagações: pode-se definir a aglutinação apenas a partir das perspectivas morfológica e fonológica? Uma definição pautada nesses dois campos não condiciona, em sala de aula, a observação da língua exclusivamente através da estrutura, fazendo com que o ensino do português trilhe este mesmo caminho?

Esta pesquisa contribui, portanto, para os estudos linguísticos, uma vez que o conceito de aglutinação sintático-semântico-discursiva em textos jornalísticos, segundo o interacionismo bakhtiniano, ainda não foi desenvolvido por outros pesquisadores. Entretanto, a possibilidade de aglutinação sintática já vinha sendo pesquisada por Nóbrega (2002), no projeto do PIBIC, sob a orientação do professor Dr. Luiz Francisco Dias.

2 METODOLOGIA

Na nossa metodologia, considerou-se a área da ciência, a natureza, os objetivos, os procedimentos, o objeto e a forma de abordagem. No que diz respeito à modalidade, pode-se afirmar que nossa pesquisa é teórico-analítica, uma vez que atualiza o conceito de aglutinação, processo de formação de palavras.

Referentemente ao tipo de pesquisa, considerando nossos objetivos, pontua-se que ela é descritiva, visto que a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva foi observada, registrada, analisada e interpretada. Por sua vez, também é explicativa, pois foram identificados fatores que propiciam a ocorrência do fenômeno analisado. Já quanto à forma de abordagem, nosso trabalho é qualitativo, pois há o perfil descritivo, tendo a preocupação em interpretar o fenômeno e não com a quantidade relativa à sua ocorrência. Por outro lado, nossos dados foram analisados indutivamente, havendo a interpretação do fenômeno e a atribuição dos significados.

O artigo aqui proposto dividiu-se, portanto, em três partes distintas. Na primeira, foram apresentadas discussões teóricas concernentes às concepções de linguagem, que nortearam o desenvolvimento do trabalho. Posteriormente, foram tecidas considerações sobre as inadequações quanto ao ensino da Língua Portuguesa; em seguida, foi apresentado o conceito de aglutinação sintático-semântico-discursiva.

Os nossos dados foram, portanto, constituídos por “grupos de enunciado” produzidos nos meios de comunicação (textos jornalísticos), bem como de construções auxiliares (enunciados



diversos), no sentido de confrontar as definições teóricas acerca da aglutinação, reforçando o conceito defendido por nós. Na ocasião, foram observados cem (100) artigos publicados nos CDs-ROM Folha-Edição, no período de 1996 e 2000, que serviram como escopo para a análise.

3 A língua em Bakhtin

Contrário ao conceito de linguagem aludido pela tradição, Bakhtin/Volochinov (1981) afirma que o fenômeno linguístico ultrapassa os limites dos campos físico, fisiológico e psíquico, já que está associado ao âmbito social. Então, abordá-lo a partir desses prismas indefine a natureza linguística, limitando-a. Para delinear seu objeto de estudo, ele discorre sobre duas correntes teóricas distintas: o Objetivismo Abstrato e o Subjetivismo Individualista, particularizando-as e, em seguida, contrapondo pontos de vista, no sentido de respaldar sua concepção acerca da língua.

O Objetivismo Abstrato, representado por Saussure, lança à língua um olhar particular, no qual se reveste do social, configurando-se através da necessidade comunicativa. A língua seria, então, um objeto abstrato ideal e falado socialmente, materializado a partir de um sistema sincrônico, impositivo por natureza, no qual eram rejeitadas as manifestações linguísticas reais (a fala/*parole*). No âmbito dessa concepção, o sujeito, apesar de não ser negada sua existência, foi simplesmente silenciado. Cabia a ele, portanto, aceitar passivamente um sistema linguístico pronto e acabado.

Para Bakhtin/Volochinov (1981), a língua se constitui através dos processos interativos, delineados socialmente. Esses pensadores da linguagem enfatizam justamente aquilo que Saussure menos enfocou: a fala, manifestação linguística que se encontra intimamente entrelaçada com as condições de comunicação, organizadas pelo viés social. Com isso, não é descabido se afirmar que, segundo a teoria bakhtiniana, o Objetivismo Abstrato apresentou uma visão insatisfatória no concernente à língua. Isto ocorreu visto que esta corrente teórica observou, a partir de um sistema linguístico abstrato, sincrônico e, sobretudo, imutável, os fatos linguísticos.

O Subjetivismo Individualista observou a língua, de acordo com Bakhtin/Volochinov (1981, p. 72) como “uma atividade, um processo criativo ininterrupto de construção (*energia*), que se materializa sob a forma de atos individuais de fala”. A língua seria, portanto, oriunda de tais atos e as leis que governariam a criação linguística seriam configuradas através da psicologia individual. Para eles, um dos calcanhares-de-aquiles dessa teoria é o fato de ela se centrar, justamente, na enunciação monológica.



Assim, segundo as premissas bakhtinianas, o Subjetivismo Individualista centra-se em uma teoria de expressão puramente falsa. Essa corrente teórica pontuou que a expressão seria constituída através do conteúdo interior e da objetivação exterior. A essência da língua estaria no interior, enquanto o exterior serviria “simplesmente” como escopo tradutor. Contrário a esse ponto de vista, o viés bakhtiniano defende que o interior não determina o exterior, visto que a relação é, indubitavelmente, invertida, ou melhor, este modela aquele, assim como afirmou Ribeiro:

contrário a tal compreensão, Bakhtin defende que o processo se dá de forma completamente oposta: não é a atividade mental que organiza a expressão, mas é esta que organiza aquela. O centro organizador da expressão situa-se no meio social em que se insere o indivíduo (2003, p.33).

Pelo exposto, nota-se que as duas correntes teóricas, representantes da tradição, observam a língua através de caminhos inadequados, uma vez que não atentam para a interação verbal, conforme pontuou o próprio Bakhtin:

a verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação ou das enunciações. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (1981, p.123).

A interação, então, é constitutiva da língua, já que esta se configura através da relação dialógica entre os sujeitos, organizados socialmente. Neste sentido, observa-se que, ao serem efetuados os processos interativos, o linguístico está sendo materializado. No entanto, nesta relação dialógica, os sujeitos não podem ser concebidos como receptores passivos, já que isso, indubitavelmente, resumiria o papel exercido, no diálogo, pelo outro.

Diante disso, pode-se constatar que a compreensão entre os sujeitos ultrapassa as barreiras impostas pela perspectiva da passividade quanto ao ato de compreender. Ratificando estas considerações, Bakhtin/Volochinov (1981, p. 131) afirmam que “compreender é opor à palavra de um locutor uma contrapalavra”. A compreensão se realiza, portanto, a partir de uma relação



dialógica/conflitiva entre palavras mencionadas por locutor e interlocutor, direcionados pelo âmbito social.

No tocante ao plano do sentido, os autores em evidência, ao apresentarem suas postulações, consideram ser a significação um dos problemas mais complexos na linguística. No entanto, na tentativa de norteá-la, afirma que a significação precisa ser vista através de duas esferas: uma voltada para o sentido contextual (o tema) e outra voltada para o sentido veiculado pelo sistema linguístico (a significação). Ambas compõem um par indissoluto que se completa intimamente.

Entretanto, distinguir esses dois conceitos requer que se leve em consideração a compreensão, visto que o tema (o sentido contextual) só é apreendido a partir da compreensão responsiva ativa. Dessa forma, Bakhtin/Volochinov (1981, p. 131-132) frisam que:

compreender a enunciação de outrem significa orientar-se em relação a ela, encontrar o seu lugar adequado no contexto correspondente. A cada palavra da enunciação que estamos em processo de compreender, fazemos corresponder uma série de palavras nossas formando uma réplica. Quanto mais numerosas e substanciais forem, mais profunda e real é a nossa compreensão.

Ao lançar à língua um olhar particular, observando-a a partir do interacionismo, percebe-se que as definições sobre aglutinação, pautadas nos campos fonológico e morfológico, são insuficientes para explicar algumas das nuances desse fenômeno. Na nossa concepção, isto ocorre uma vez que o processo em foco vem sendo estudado à luz do ideário estrutural, o qual observa a língua através de um prisma sistemático, voltando-se para estudos referentes à estrutura linguística. Além disso, o entorno teórico relativo à aglutinação, processo de formação de palavras, supõe um sujeito que desenvolve sua compreensão passivamente. Todavia, no momento em que apresenta este processo de formação de palavras, deixa escapar a possibilidade de criação linguística, própria do sujeito.

Por outro lado, nota-se que o ensino de Língua Portuguesa não pode continuar sendo abordado através da análise de frases descontextualizadas, negligenciando o discurso, já que a língua se constitui, na perspectiva focalizada, através dos processos interativos.



Desta forma, pode-se pressupor que negligenciar a exterioridade, constitutiva do linguístico, e negar a compreensão ativa do sujeito resumem algumas especificidades do conceito de aglutinação, bem como tolhem, em sala de aula, o ensino adequado do português. No intuito de validar tais apontamentos, será mostrada, no tópico (1.3), como a exterioridade vem sendo aludida na gramática e na sintaxe.

4 Os PCNs: uma proposta discursiva no tocante ao ensino da análise linguística da gramática

Sabe-se, mediante a supremacia da escrita, que, em sala de aula, a gramática ocupou, por muito tempo, o ápice do ensino de Língua Portuguesa. Ensinar essa disciplina resumiu-se ao ato de fazer o aluno decodificar mecanicamente, a partir da análise de frases soltas, as regras convencionadas pela Gramática Tradicional (GT). Porém, em meados da década de 1980, lançam-se ferozmente críticas ao ensino gramatical. Considerando essas indagações, preconizaram-se, nas academias, novas políticas públicas de ensino, na tentativa de melhorar tanto a teoria quanto a prática em torno do ensino da Língua Portuguesa. No entanto, apenas na década de 1990 os PCN foram concebidos, arrolando modificação em relação ao ensino de língua materna. No século XXI, esse construto teórico invade as salas de aula, gerando sugestões e polêmicas. Os fundamentos teóricos inseridos neles fizeram com que a gramática deixasse de ser vista apenas como uma descrição, trazendo à cena a possibilidade de uma análise linguística discursiva, integrando-a ao texto, eixo norteador do ensino de Língua Portuguesa. No próprio PCN (2001, p. 78), da 5ª a 8ª séries, esses apontamentos se validam, mediante a afirmação de que

quando se toma o texto como unidade de ensino, os aspectos a serem tematizados não se referem somente à dimensão gramatical. Há conteúdos relacionados às dimensões pragmática e semântica da linguagem, que, por serem inerentes à própria atividade discursiva, precisam, na escola, ser tratados de maneira articulada e simultânea no desenvolvimento das práticas de produção e recepção de textos.

À luz das considerações emaranhadas, constata-se que a G.T., enquanto instrumento de ensino, vem sendo usada nas escolas. A princípio, ela experienciou momentos de magnitude; no entanto, com o surgimento de novas teorias linguísticas, bem como de novas necessidades educacionais, perdeu sua supremacia, sendo alvo constante de críticas veementes. Com o desenvolvimento dessas teorias linguísticas, surgem novas políticas públicas de ensino: os PCNs,



buscando aclarar e modificar o ensino de Língua Portuguesa. Com isso, o ensino sistemático e descontextualizado da análise linguística deixou de ser concebido como imprescindível, sendo o foco transportado para o texto, possibilitando o desenvolvimento das atividades epilinguística.

5 Resultados e discussão

5.1 A (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva no adjunto adverbial de instrumentos

Dentre os termos acessórios da oração, segundo Rocha Lima (2006), o adjunto adverbial é definido como aquele que se relaciona com o verbo, com o adjetivo ou com o próprio advérbio, cuja função primordial seria acrescentar informações a estas classes de palavra. De acordo com a tradição gramatical, o adjunto adverbial vincularia a ideia de circunstância. A exemplo disto, poder-se-iam citar tempo, lugar, quantidade, intensidade, causa, instrumento, dentre outras, bastante semelhantes ao que, na morfologia, corresponde à classe dos advérbios. A título de ilustração, observem-se os exemplos (1) e (2):

(1) Carlos saiu de casa apressado.

(2) Ontem aconteceram coisas incríveis.

No exemplo (1), tem-se o primeiro grupo nominal, “de casa”, que exprime a circunstância de lugar. O segundo nome, “apressado”, expressa a circunstância de modo, fazendo menção à forma como Carlos saíra de casa. No exemplo (2), por sua vez, “ontem” expressa a circunstância de tempo, que não necessariamente corresponde com o tempo da enunciação. Seguindo a tradição, para Cunha (1970, p. 106), o adjunto adverbial:

é, como o nome indica, o termo (sic) de valor adverbial que denota alguma circunstância do fato expresso pelo verbo, ou intensifica o sentido dêste (sic), de um adjetivo, ou de um advérbio (1970, p. 106).

No ponto de vista deste gramático, há dificuldade de delimitação do adjunto adverbial, visto que não se sabe ao certo o número de circunstâncias existentes e passíveis de serem delimitadas



para fins de classificação. O texto seria, portanto, um elemento eficaz para o estabelecimento da classificação do adjunto. Apesar desta relativa dificuldade, o autor propõe a seguinte classificação do adjunto adverbial: de causa, de companhia, de dúvida, de fim, de instrumento, de intensidade, de lugar, de matéria, de meio, de negação e de tempo.

Na nossa concepção, de fato, é complexo nomear os tipos de adjuntos. Assim, pode ocorrer, no adjunto adverbial de instrumento, a (des)aglutinação sintático-semântico-discursiva, conforme será mostrado nos exemplos (03) e (04):

Ex.(03)

Acho que a chatice do artista batendo com o martelo na cabeça terminou. Essa contemplação do nada tem que virar produção. Eu estou tentando sair desse beco. (Folha, 11 de fevereiro de 1994, p. 1-5)

Ex. (04)

Nos últimos dias, este espaço martelou a importância dos números na análise de esportes. Há dez dias, mostrou que, se dependesse das estatísticas, a França já podia numerar o título. (Folha, 13 de julho de 1998, p. 4-19)

Ex. (05)

Durante dois anos o marketing governamental martelou a necessidade da reformas para a sobrevivência do Real. O ministro Kandir condicionou o desenvolvimento do país à aprovação da reeleição. (Folha, 13 de abril de 1997, p. 2)

Ex. (06)

Maluf analisa romper publicamente com Pitta. O discurso de Maluf seria o de que, em 93, loteou as regionais entre os vereadores só para garantir maioria na câmara. Mas Pitta, que engoliu a reedição do acordo em 97, traiu sua confiança e não teria evitado corrupção. O difícil da manobra é conseguir que o eleitor acredite nela. Pesquisas do PPB mostram que a população faz uma ligação direta entre Maluf e Pitta exatamente como a propaganda malufista martelou em 96. (Folha, 21 de março de 1999, p. 3)

Ex. (07)

Já se passaram seis anos desde que Terry Norrio obrigou-se a provar seu próprio sangue, desde então, Leonard tornou-se avô e casou-se de novo. E a única coisa com a qual se defrontou, desde então, foi com uma bola de golfe, muito menos perigosa que seu rival naquela noite de 9 de fevereiro de 1991. Norrio arrancou um dente de Leonard, martelou



até abrir uma antiga operação no seu olho, inchou seus lábios e deformou sua testa. (Folha, 01 de março de 1997, p. 3)

Ex. (08)

Segundo Suzana, o que realmente irritou Ronaldinho foi a cobrança em relação ao futebol. “O que estressou o Ronaldo foram aquelas pessoas todas dizendo: ‘Esse jogo é para você ganhar, você tem que ser o artilheiro’. Isso martelou a cabeça dele. Mas agora está legal”, afirmou. (Folha, 22 de julho de 1998, p. 3)

Ex. (09)

Com uma postura ambígua em relação a FHC, Maia não alavancou sua candidatura. No programa de TV, martelou a idéia de que garotinho e o ex-governador Leonel Brizola eram a mesma coisa, que significavam caos, desordem e violência. Maia reconhece, porém, que não convenceu o eleitorado. (Folha, 04 de outubro de 1998, p. 18)

Se forem analisados sintaticamente, a partir do âmbito tradicional, os exemplos (03), (04), (05), (06), (07), (08) e (09) nota-se que apenas em (03) haveria, ao se proferir “Acho que a chatice do artista batendo com o martelo na cabeça terminou”, um adjunto adverbial de instrumento (com o martelo). No entanto, a nosso ver, em todos se verifica a função sintática em análise, sendo que, em (04), (05), (06), (07), (08) e (09), há um caso de aglutinação sintático-semântico-discursiva.

A exemplo disto, cita-se, em (04), a construção “Nos últimos dias, este espaço martelou a importância dos números na análise de esportes”. Nesta, constata-se que, no núcleo verbal “martelou”, o adjunto adverbial de instrumento (com o martelo) encontra-se aglutinado, como também aconteceu em (05), (06), (07), (08) e (09). Isso ocorre uma vez que este adjunto pertence ao mesmo campo semântico do verbo em análise.

Com isso, constata-se que, se se recorrer ao plano do enunciável, é possível, em determinados verbos, no caso “martelar”, verificar a aglutinação de duas funções sintáticas: o núcleo (martelou) e o adjunto adverbial de instrumento (com o martelo), depreendido através da enunciação.

6 Conclusão

De acordo com a discussão aqui realizada, constatou-se que a aglutinação, processo de formação de palavra, é um objeto de estudo que vem sendo abordado, a partir dos campos fonológico e morfológico, pela tradição. Para nós, o fazer científico não apresenta um todo acabado,



já que é, segundo os apontamentos saussurianos, o ponto de vista quem cria o objeto. Nesse sentido, os resíduos deixados por tais pontos de vista podem ser recuperados por outros postos de observação.

Seguindo esse viés, apresentou-se aqui uma proposta, de acordo com o construto teórico bakhtiniano, de redefinição da aglutinação, no sentido de se recuperar alguns resíduos deixados pela tradição e, sobretudo, tomá-los como ponto de observação, dando-lhes uma nova roupagem enunciativa. Com isso, pode-se conferir amplitude ao conceito do fenômeno analisado, bem com a aplicabilidade da teoria interacionista bakhtiniana. A função sintática adjunto adverbial foi analisada, no propósito de se fundamentar os eixos teóricos defendidos nesse trabalho.

7 Referências Bibliográficas

BAKHTIN, M; VOLOCHINOV, V. N. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1981.

CUNHA, C. **Gramática do Português Contemporâneo**. Belo Horizonte: Bernardo Álvares S.A., 1970.

DIAS, L. F. Enunciação e gramática: o campo de produção de gramática no Brasil contemporâneo. In: GUIMARÃES, E. (Org.). **Une dialogue atlantique**. Paris: ENS Editions, 2006.

FOLHA DE SÃO PAULO. **São Paulo: Folha – edição**, 1999. Bienal. CD – Rom.

FOLHA DE SÃO PAULO. **São Paulo: Folha – edição**, 2000. Bienal. CD – Rom.

NÓBREGA, F. Redefinindo a aglutinação: uma perspectiva bakhtiniana. In: **XXI Jornada de Estudos Linguísticos**. João Pessoa: UFPB, 2006.

RIBEIRO, M. G. C. **Uma abordagem semântico-discursiva de estruturas nominais em –mente em interações orais dialogadas**. 2003. 220 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Recife, 2003.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 45. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2007.



III CONEDU
CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

(83) 3322.3222
contato@conedu.com.br
www.conedu.com.br